

A luta para salvar Tancredo

por José Casado
de São Paulo

Débil, o paciente Tancredo de Almeida Neves, 75 anos, não fala, mal gesticula e respira com dificuldade. As vezes dá meia dúzia de passos pelo quarto, entre a cama e a poltrona — sempre carregado por dois enfermeiros.

Levemente sedado, em certos momentos escreve curtos e telegráficos bilhetes aos médicos ou familiares. "Risoleta — São João del Rey", foi tudo que ele conseguiu escrever, por exemplo, na noite da Sexta-feira Santa, um dia depois de ter passado pela mais dramática e perigosa de todas as cirurgias a que já se submeteu, nesses 21 dias.

Quando está sem febre, e de bom humor — o que não tem sido muito freqüente nos últimos quatro dias —, o presidente Tancredo Neves demonstra, por gestos, reconhecer um ou outro dos poucos assessores que têm acesso à Unidade de Terapia Intensiva (UTI), no terceiro andar do Hospital das Clínicas de São Paulo.

Sábado, ao ver um deles, através do vidro, movimentou lentamente cada um dos cinco dedos da mão, indicando as cinco cirurgias que sofreu. Em seguida, fez o sinal de "positivo" e, por fim, uniu as mãos como se estivesse agradecendo aos céus.

A simples visão, pela janela da UTI, comove os raros personagens que ali conseguem chegar, além dos parentes. O presidente da República está prostrado no leito do hospital. O corpo evidencia a extensão do seu drama: está marcado por quatro feridas ainda abertas — uma de 20 centímetros, no lado direito do abdômen; outra de 10 centímetros, entre o abdômen e a virilha, e mais duas, de 2 centímetros cada, todas no lado esquerdo. Pelo tórax, braços e abdômen espalha-se uma carga de cinco fios do monitor central do CTI, três drenos, dois cateteres e, descendo pelo nariz, um tubo respiratório.

VIDA E MORTE

Há 21 dias, ele debate-se entre a vida e a morte. Ainda assim tem deixado os médicos estupefatos: "Estamos surpresos" — foi a frase mais ouvida, nesta semana, pelos políticos que transitaram nos corredores do hospital, em contato com os médicos que assistem o paciente Tancredo

Neves. A surpresa teve, sempre, um motivo específico, a capacidade de resistência orgânica do presidente.

A linha da vida da Tancredo Neves, desde a madrugada do dia 15, quando foi operado pela primeira vez, no hospital de Base de Brasília, passa pelos dois pulmões, coração e rins. Porém, em nenhum momento anterior, ele esteve tão perto da morte como nos últimos quatro dias.

O presidente perdeu 55% da capacidade de respiração, tem sofrido constantes alterações cardiovasculares e renais, e convivia até à noite de domingo com uma infiltração pulmonar e um processo infeccioso que atingiu, de forma ainda moderada, sua corrente sanguínea.

A sobrevivência desse homem era garantida por um tubo respiratório (que entra pelo nariz e desce pela traquéia até os pulmões), anestésicos, diuréticos, antibióticos de terceira e quarta geração e cuidados especiais de uma equipe de cinquenta pessoas, entre médicos e assistentes.

Tais providências terapêuticas e equipamentos mecânicos, entretanto, apenas lhe servem de auxílio. São fundamentais, porque, sem eles, as garantias (já reduzidas) de vida do paciente seriam ínfimas. Mas são, principalmente, complementares, porque, para sobreviver, o político Tancredo Neves depende, na essência, da reação natural do organismo do paciente Tancredo Neves. É uma luta íntima entre os agentes defensivos orgânicos e microorganismos nefastos e oportunistas, segundo o jargão médico.

ODRAMA

Até domingo, o corpo sobrevivia, depois de cinco cirurgias nas quais foram feitas seis incisões — as três primeiras, uma sobre outra. Primeiro, constatou-se a existência de um tumor, dentro do divertículo inflamado. Em seguida, esgarçou-se a parede abdominal, em função de uma costura duvidosa; conservada, a parede voltou a ceder, com inflamação. Do outro lado do abdome, surgiu um encarceramento de alça intestinal, um saco herniático repleto de pus e sangue, com origem em infecção hospitalar.

Na semana passada, dois

novos focos infecciosos foram drenados.

Uma sucessão de dramas que poderia ter sido evitada na época da campanha eleitoral de 1982, quando Tancredo sentia os primeiros sintomas de problemas gástricos e passava a mão pelo abdome, num cacoete percebido por seus amigos.

Até quarta-feira passada, os médicos surpreendiam-se com a sucessão de problemas graves, mas, sobretudo, com as reações orgânicas do paciente. Na manhã de quinta-feira, no entanto, Tancredo Neves mostrou-se sem condições físicas para ser removido de um prédio a outro, no complexo do Hospital das Clínicas, para submeter-se a uma nova tomografia.

O sinal vermelho no CTI dava cor ao drama, em seu ápice. Por radiografia, constatarem-se novos focos de infecção, com razoável quantidade de pus (nos dois principais, o material recolhido dava para completar a carga de duas seringas).

A complicar o quadro, existia uma infiltração da membrana que envolve os alvéolos dos pulmões, com redução de 40% da capacidade respiratória. A temperatura subia a 38,7 graus, o volume de glóbulos brancos — indicador de infecção — bateu na marca de 22 mil por mililitro de sangue, assustando os médicos. Caracterizava-se uma taquicardia e prenunciavam-se dificuldades renais.

SEM ALTERNATIVA

Com a prancheta de resultados dos exames na mão, o médico Henrique Walter Pinotti virou-se para seu colega João Batista de Rezende Alves e concluiu: "Não temos escolha".

Até aquele instante, todo o terceiro andar do Hospital das Clínicas tinha sido mobilizado para a realização de punções nos focos infecciosos. Preparara-se o cenário para, através da injeção de uma agulha nos pontos de infecção, extrair-se o material exudativo (pus).

A prancheta de Pinotti, entretanto, o fez dar meia volta. Em vez de entrar no CTI, foi direto ao Centro Cirúrgico, no outro extremo do corredor.

O médico Rezende Alves entrou na sala de terapia intensiva, aproximou-se de Tancredo, que ardia em febre, e, como nas quatro cirurgias anteriores,

anunciou-lhe, constrangido, a iminência de nova intervenção. "Então vamos, eu quero acabar logo com isso", respondeu Tancredo. Minutos depois tomava a quarta anestesia geral, no espaço de 21 dias.

A partir das 17h40, quando os médicos acabaram de costurar as duas novas feridas cirúrgicas, o presidente passou a viver sob permanente efeito de sedativos e com um tubo respiratório na traquéia. O tubo garante a continuidade do processo respiratório — que estava afetado —, que, por sua vez, mantém em padrões próximos da normalidade a circulação sanguínea, os batimentos cardíacos, a pressão arterial e as funções renais. Os ciclos de febre tornaram-se mais escassos, desde a manhã da sexta-feira.

A DECISÃO

A desejada tomografia tornou-se possível na manhã seguinte. Muito debilitado, o presidente foi transportado de ambulância — com soro ao braço — até o outro lado da rua. O cortejo, de mais de trinta pessoas, espelhava no rosto toda a preocupação da equipe médica.

Pinotti desejava que esse exame fosse realizado na segunda-feira. A decisão, no entanto, foi precipitada pela ultra-sonografia feita na noite da sexta-feira. Ela revelava duas áreas obscuras que despertavam suspeitas sobre novos focos infecciosos.

De maca, com o rosto coberto pelo lençol branco, Tancredo Neves foi levado da ambulância até uma espécie de túnel metálico, no qual se captam imagens coloridas do interior do tórax e abdome. O exame inicial das fotos feitas pelo sistema computadorizado — hoje guardadas a sete chaves no arquivo de relíquias médicas do hospital — mostrou que tais pontos obscuros eram camadas mais profundas de gordura (a frágil musculatura abdominal do presidente leva o peso de uma camada de 10 centímetros de gordura em toda sua extensão) e resquícios de focos infecciosos drenados na quinta-feira.

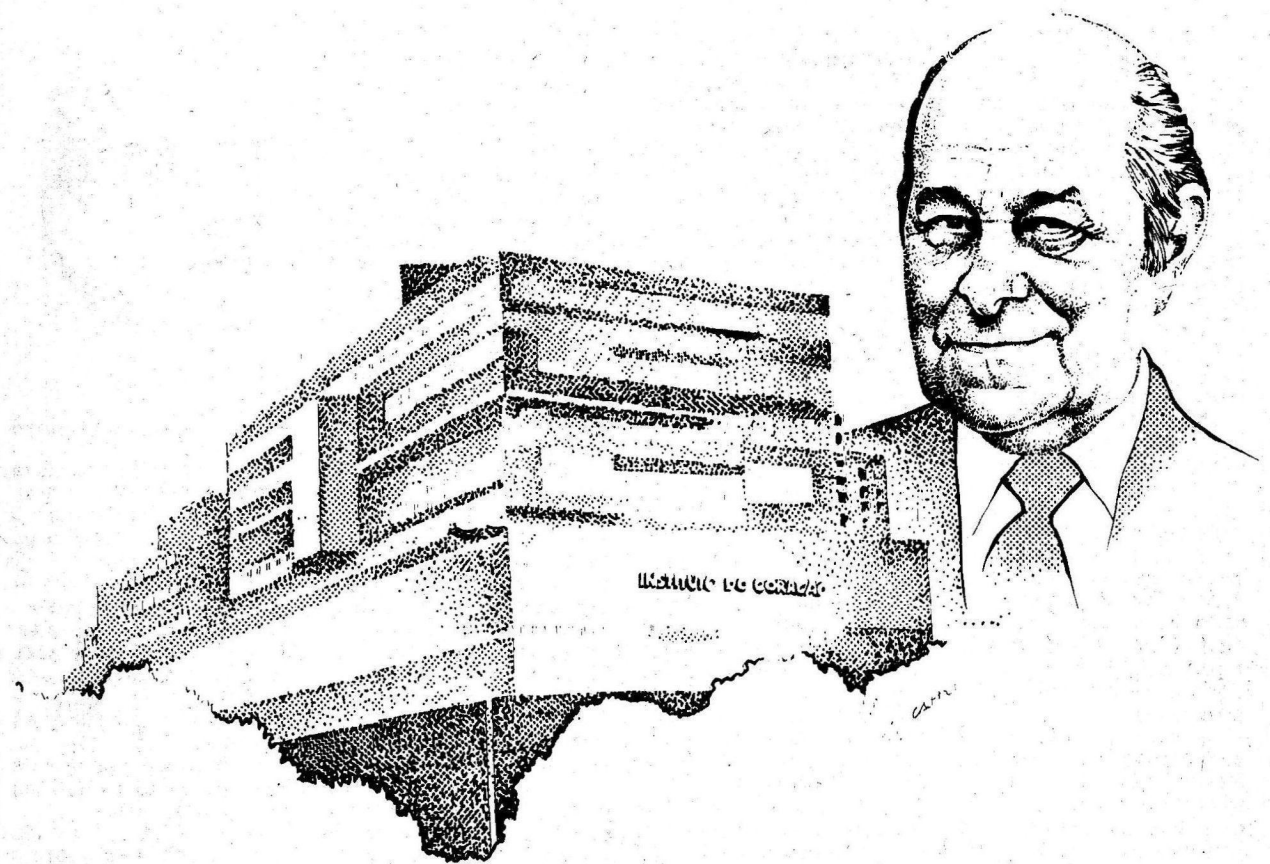
Houve um suspiro de alívio na equipe médica. Esvaiam-se suspeitas e afastava-se a possibilidade de cirurgia imediata. Mas, em contrapartida, constata-se uma expansão do processo de infiltração nos pulmões. O acúmulo de líquido na membrana que envolve os alvéolos (centro vital do sistema respiratório) torna-se ambiente favorável ao acúmulo de bactérias. Somado à debilidade e deficiência mecânica natural de inspiração e expiração que o paciente vinha apresentando desde quinta-feira, configurava-se um quadro muito perigoso.

OS ESFORÇOS

O médico Alvaro Magalhães, encarregado do exame metódico da tomografia, foi para casa, na noite de sábado, com o rosto tenso: "Infelizmente, a infiltração do pulmão continua", disse, ao atravessar a rua defronte ao hospital, em direção ao estacionamento.

No terceiro andar, o imunologista Vicente Amato Neto concluiu a noite de sábado com uma providência adicional: decidiu incorporar mais uma "família" de antibióticos ao complexo terapêutico do presidente, porque os últimos exames que recebera indicavam o pleno domínio da bactéria pseudomona cepacea e confirmavam a resistência de dois outros microorganismos, a bactéria enterobacter cloacae e o fungo actinomiceto. Em paralelo, reforçou-se a carga de diuréticos.

A madrugada do paciente Tancredo Neves, domingo, foi um pouco sobressal-



tada. Teve picos febris de 37,8°, graus, oscilações de pressão e de batimentos cardíacos. Mas os médicos de plantão viram, com satisfação, o efeito dos diuréticos: o presidente liberou 3,5 litros de líquido. As 6 da manhã, um exame de sangue revelou boa dosagem de oxigênio na circulação e uma radiografia do tórax mostrou um princípio de regressão do edema.

A ESPERANÇA

"Boas notícias", resumi o porta, voz da Presidência, jornalista Antonio Britto, ao despedir-se da equipe médica, depois de redigir o boletim que leria às 10 horas em cadeia nacional de rádio e televisão. De fato, a taxa de oxigênio no sangue, ainda que baixa para os padrões médicos, era maior que a encontrada na tarde de sábado e indicativa da redução do volume de líquido infiltrado nos pulmões. A radiografia do tórax dava a confirmação do exame de sangue.

E preciso, no entanto, notar as diferenças de tom usado pelos médicos que assistem o presidente da República. Os resultados desses exames da manhã, confrontados com aqueles obtidos na tarde de domingo, mostram um processo de ascendência biológica, ainda tímida. O otimismo de parentes de Tancredo Neves, como o expressado pelo seu neto, Aécio Cunha Neves — que, no fim da tarde de domingo, anunciava que seu avô estava "fora de perigo" —, constitui mais um fruto da expectativa e ansiedade por boas notícias do que a dura realidade do Centro de Terapia Intensiva.

A linha da vida do paciente Tancredo Neves, no começo da noite de domingo, apresentava um perfil melhor, realmente, que nos três dias anteriores. Apenas um pulmão continuava lesado. Os diuréticos faziam efeito. Não tinha febre, o processo infeccioso estava "controlado", segundo o jargão médico, mas não completamente dominado.

Imobilizado no leito, o presidente ainda dependia de um tubo respiratório para manter-se no mundo dos vivos. Continuava levemente sedado e recebendo doses razoáveis de antibióticos. Debilitado (apenas na semana passada recebeu 1,7 litro de sangue), era alimentado por cateter e submetido a doses específicas de vitaminas. Era evidente que estava um pouco melhor. Mas a Nova República começava outra semana contando apenas e exclusivamente com a esperança na reação orgânica desse homem que é o seu símbolo.